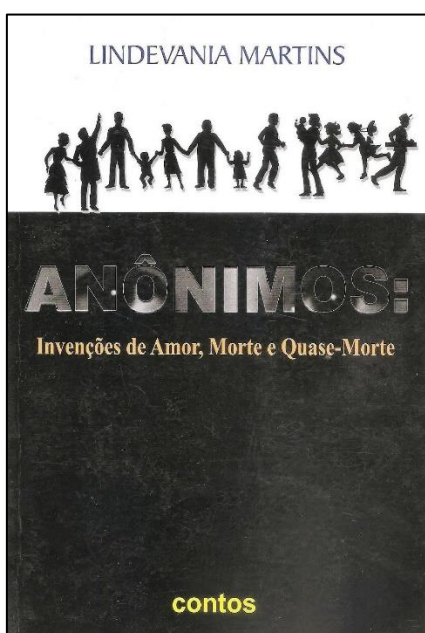


LINDEVANIA MARTINS EM ZONA DE DESCONFORTO

José Neres

Professor, membro da Academia Maranhense de Letras e da Sobrames-MA

Em São Luís, bem no começo deste nosso século XXI, tão veloz e tumultuado, um dos pontos de encontro de intelectuais e admiradores das artes em geral era a Livraria e Café Albatroz (espero não haver errado o nome!), gerenciada pelo cineasta Frederico Machado. Era um local aconchegante, relativamente bem situado e que se tornou uma referência na busca de livros de qualidade e de troca de experiências. Ainda por cima, no local era possível encontrar personalidades como Nauro Machado e Arlete Nogueira da Cruz, escritores de grande qualidade e pais do responsável pelo empreendimento. Por ali também circulavam outros artistas, como José Chagas, Lourival Serejo, Luís Augusto Cassas, Laura Amélia Damous e Benedito Buzar entre outros.

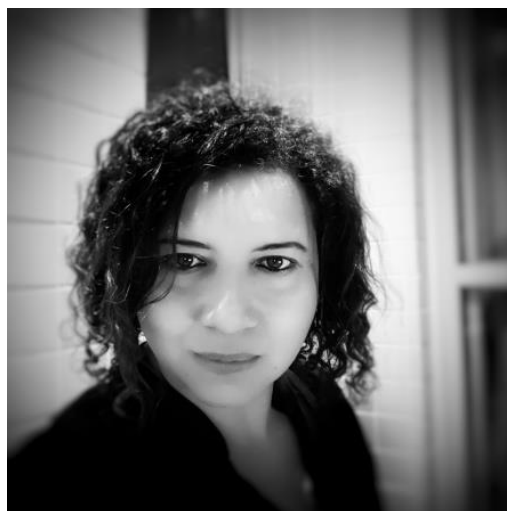


Relembro isso por um simples motivo: foi na Albatroz, que em junho de 2004, conheci uma escritora da qual ainda não havia ouvido falar. Ela conquistara o primeiro lugar em contos (Prêmio Odylo Costa, filho) por dois anos consecutivos no Concurso Cidade de São Luís e, naquele começo de mês estreava no mundo das publicações em livro. Fui ao lançamento, como sempre costumo fazer, comprei o livro, fiquei na grande fila de autógrafos e ali mesmo comecei a ler os textos. Logo de cara gostei do estilo. Assim como já haviam feito José Louzeiro, Rubem

Fonseca, Patrícia Melo, Paulo Lins e outros tantos escritores de talento, a jovem maranhense também trazia para as páginas de um livro o mundo-cão que tanto atordoia a população, mas que também pode servir para mostrar trilhas alternativas dentro de caminhos às vezes tão sórdidos.

Gostei tanto dos textos da autora que trabalhei alguns em sala de aula em curso de graduação e pós-graduação, principalmente o conto intitulado O Motorista, escrito em uma prosa seca, árida, violenta e perturbadora, mas também carregado de sutilezas e de um lirismo que fazia contraponto com o cerne da narrativa.

Como sempre acontece, nossos autores, logo depois da noite de autógrafos, costumam cair no esquecimento. Seus livros não são comentados, seus trabalhos não são esmiuçados e o silêncio costuma ser a contribuição dada pelos leitores e pela mídia em geral. Então vez ou outra eu me perguntava sobre os caminhos literários pelos quais havia seguido aquela talentosa prosadora. Citei-a de



relance em um ou dois artigos publicados em jornais e continuei analisando seus textos em cursos e aulas. Sempre com boa aceitação.

Recentemente, na segunda metade de 2018, porém, minhas dúvidas foram sanadas: finalmente recebi notícias sobre a prosadora, defensora pública e agora também blogueira cultural Lindevania Martins. Além disso, ainda tive o prazer de manter contatos mais próximos com ela em encontros com escritores promovidos por escritores e ativistas literários dos quais participam intelectuais do porte de Antônio Ailton, Natan Campos, Franck Santos, Bioque Mesito, Adriana Gama, Charles Melo, Linda Barros, Sandro Fortes, Carvalho Junior, Geane Fiddan, Hagamenon de Jesus, Carvalho Júnior, Walquiria Marinho, professor Tarcísio e tantas outras pessoas que fazem das letras um passaporte para momentos de pura felicidade. Também tive o prazer de assistir à conversa/entrevista que a autora teve/concedeu à também talentosa escritora e jornalista Talita Guimarães durante a Feira do Livro de São Luís do Maranhão.

No meio de tantos contatos e informações cruzadas, fiquei sabendo do lançamento de seu novo livro de contos, com o título de **Zona de Desconforto** (São Paulo, Editora Benfazeja, 2018, 124 páginas). Por questões profissionais, não pude ir aos lançamentos da obra e quando tentei adquirir um exemplar, fui informado de que o livro estava esgotado. Contudo, graças à gentileza da autora, acabei conseguindo ler o livro.

Trata-se de um trabalho bem elaborado no qual é possível perceber que a escritora trabalhou bastante e seu estilo e em sua forma de narrar, conseguindo ótimos resultados ao longo dos oito contos que compõem o volume. Mas os contos podem ser vistos também, metaforicamente, como oito socos na sociedade. Uma sequência de *jabs*, diretos, Uppercuts e cruzados que atingem diversos pontos desse carcomido, mas sempre renovável corpo social do qual todos nós fazemos parte.



Desde **Anônimos: Invenções de Amor, Morte e Quase Morte** (São Luís, FUNC, 2003, 138 páginas), seu livro de estreia, Lindevania Martins já demonstrava grande talento para pinçar flashes do cotidiano bárbaro em que vivemos e transformar breves episódios em contos de grande densidade narrativa com apelos tanto social quanto psicológico na construção de suas personagens. Essas características, porém, atingiram um grau maior de maturidade em **Zona de Desconforto**, com enredo mais elaborados e com narradores que não têm tanta pressa em chegar ao desfecho de suas narrativas. Podemos dizer que Lindevania conseguiu uma forma, mesmo sem inovações vocabulares, técnicas e/ou temáticas, de aproximar o leitor de suas personagens e fazê-las materializar-se no centro da página e dialogar tanto com a ficção quanto com a realidade circundante.

Logo no primeiro conto, homônimo ao título do livro, a narradora envolve o leitor com sua história de vida e mostra algo que é tão comum no dia a dia das pessoas que nem mesmo causa mais espanto. As denúncias feitas ao longo do conto contra a exploração do ser humano, contra o racismo e contra uma das formas de escravidão da modernidade levam o leitor a refletir sobre suas próprias práticas e a observar que em alguns

momentos nós podemos estar no papel de vítima e logo a seguir podemos identificar-nos com os algozes. A personagem, cujo nome nos é desconhecido até a última linha do conto, é tipificada e representa toda uma classe de meninas exploradas em prol de um relativo status de poder dentro das esferas sociais.



Aliás, esta busca constante de um lugar à sombra – não importando o que será feito para tal objetivo ser atingido – é uma das forças motrizes do livro **Zona de Desconforto**. As personagens são angustiadas e angustiantes, tentam construir para si e para os demais uma carapaça de força, quando, na verdade, estão imersas em um poço sem fundo de fraquezas que nem sempre se traduzem em franquezas. Em contos como **Tudo Vermelho** e **O Número Perfeito**, os conflitos humanos são testados até o limite de cada ser, com desfechos que, se não são inesperados, pois algumas dicas são deixadas ao longo das narrativas, podem pelo menos ser considerados soluções adequadas e bem elaboradas para cada uma das tramas, nas quais os variados tipos de violência são experimentados por pessoas que não conheciam as próprias forças e/ou fraquezas até se depararem com as situações em que são envolvidas.

Os dilemas humanos são explorados em todos os contos. A diferença está em saber qual dos dilemas irá aparecer primeiro, como acontece no último conto do livro – **O Flagrante** – que oscila entre o drama rodrigueano e as peripécias picarescas. Novamente o triângulo amoroso é explorado pela autora que utiliza esses casos com parcimônia, mas que em alguns momentos se torna o centro das atenções das personagens de algumas de suas narrativas.

As fraturas relacionais, sociais e familiares ditam o ritmo dos contos de **Zona de Desconforto**. Embora esse título seja referente a uma das narrativas, fica evidenciado que todas as personagens transitam em torno de situações desconfortáveis: uma menina longe de sua família, sendo explorada em casa alheia... um marido que encontra a esposa na cama com outro... um casal de irmão reféns de bandidos... uma estudante obrigada a

escrever um texto sobre alguém de sua família... uma jovem que entrega mecanicamente o corpo... alguém que encontra como ponto de fuga para sua própria existência a busca infrene de prazeres carnais... um homem quase sem memória que busca seu passado em uma foto... todos estão descontentes com a própria existência e estão a um passo de seus próprios deslimites. Ninguém compartilha com os demais um espaço confortável. Pelo contrário, todos se espremem dentro de possibilidades ditadas por normas sociais que podem e devem ser quebradas ao longo das narrativas.

Em **Zona de Desconforto**, assim como em seu primeiro livro, a escritora Lindevania Martins consegue “prender” o leitor em uma teia de eventos até certo ponto labirínticos, os oito contos que compõem o livro podem ser lidos em qualquer sequência e mesclam dramas, denúncias sociais, violências em suas diversas matizes e alguns toques sutis de humor. Suas personagens, embora tenham nome, continuam como seres anônimos diante de um caos social que se deslinda em cada página. São seres que, assim como em seu primeiro livro, vivem divididos entre os amores (im)possíveis e a Morte inefável. As histórias podem acontecer com todo mundo ou com ninguém, mas é quase certo que no meio de algum conto, página, parágrafo ou linha talvez um ou outro leitor se identifique com o drama das personagens ficcionais que parecem ter saído um caderno de ocorrências e foram filtrados pelo talento de uma escritora que tem pleno domínio da construção de um texto literário.

Graficamente é um trabalho exemplar, uma obra de arte diagramada com extremo bom gosto. Um livro para ser lido, guardado, compartilhado ou ofertado em forma de presente até mesmo para quem pensa que não gosta de ler, uma ótima oportunidade de fazer alguém sair de sua zona de conforto.

Nunca perguntei a mamãe quem era meu pai. Para quê? Qual a serventia disso? O irmão mais novo sabia quem era o pai e isso não lhe servia de nada. Meus primos mais velhos sabiam quem era o pai e isso não lhes servia de nada. Se o pai do irmão mais novo passava por ele na rua, lhe virava o rosto. Se o pai dos primos mais velhos passava por eles na rua, mudava de calçada. Saber quem era o pai era pior do que não saber. (Trecho do conto Zona de Desconforto)

